

Vicente Morvillo Migueles,  
aluno do Pré I A.

# VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL  
ano 6 / nº 17 / 3º trimestre letivo de 2022



A diretora Suely Necessian e a mãe de alunas Roberta Terumi Hosoda Koga: o diálogo franco com a escola é sempre o melhor para a educação dos filhos.

## Estamos sempre abertos

A diretora pedagógica **Suely Necessian Corradini** fala sobre a importância do diálogo na relação entre famílias e escola.

### Como deve ser a relação ideal entre famílias e escola?

O primeiro ponto é que as famílias tenham afinidade com os valores e o modelo de educação da escola que escolheram para os filhos. Essa afinidade é crucial para que haja uma relação de confiança e respeito entre as duas partes – afinal, se foi a escola que você escolheu, é porque você confia em como ela vai agir. É preciso repetir isso nos dias de hoje, quando vemos certa crise de confiança em várias instituições. Isso não pode acontecer com a escola, onde a construção da confiança tem de se dar no dia a dia, em todas as relações.

### E quando escola e famílias discordam? Há espaços para divergência?

Sempre há espaço para o diálogo, e a comunicação entre família e escola tem de ser autêntica – esse é o segundo ponto de uma relação ideal. Até para que uma comunique o que a outra não vê. Vamos lembrar que o comportamento da criança em casa não é exatamente o mesmo em coletividade; até com adultos é assim. A família vê o filho, a escola vê o aluno, e ambas têm de conversar numa via de mão dupla para informar problemas, esclarecer dúvidas e, assim, resolver qualquer divergência.

### O que a família não vê, por exemplo?

Na vida da criança, o ambiente escolar é o primeiro espaço onde o coletivo, em muitas situações, se sobrepõe ao individual. É um espaço de aprendizagens como o trabalho em equipe, a resolução de conflitos, a aceitação de frustrações, o respeito às diferenças. Isso tudo é uma riqueza que, em casa, a criança não tem tanta chance de vivenciar, e a família pode não ver. Da mesma forma, a escola também não sabe tudo o que acontece no âmbito doméstico, se a criança está tendo de lidar com algum problema pessoal ou familiar. Por isso a comunicação entre família e escola é crucial.

### Idealmente, como deve ser feita essa comunicação e em quais ocasiões?

No Vital, as famílias têm canais abertos com a equipe gestora o tempo todo, todos os dias: por *e-mail*, telefone ou pessoalmente, mediante agendamento. Estamos sempre abertos e esperamos que os pais nos procurem sempre que tiverem dúvidas sobre projetos pedagógicos, sobre a relação de seus filhos com colegas e professores, sobre nossas escolhas administrativas ou qualquer outro tema que julgarem relevante.

### Grupos de pais no WhatsApp podem ser uma ferramenta útil?

Podem ser muito úteis para as famílias fortalecerem os laços e se organizarem entre si, tirando dúvidas umas com as outras sobre agenda da turma, combinando trocas de material escolar, compartilhando referências, celebrando realizações e projetos dos filhos. Mas, se se trata de alguma divergência ou desconforto com relação às ações da escola, para avançar na resolução de problemas, sempre é melhor buscar a própria escola. Insisto: nesse cenário de crise de confiança nas instituições, vamos valorizar as fontes de autoridade que tenham experiência e conhecimento sobre os assuntos. No caso da educação de crianças, as maiores autoridades ainda são os pais e a escola – e não qualquer escola, mas aquela que foi escolhida por eles, por afinidade de princípios e valores.

4

DICAS

Como ajudar os filhos a estudar?

5

EDUCAÇÃO INFANTIL

Os primeiros livros e a descoberta da leitura

8

ENSINO FUNDAMENTAL I

O novo currículo de Letramento Digital

10

ENSINO FUNDAMENTAL II

A Fazedoria e o aprendizado na prática

13

ENSINO MÉDIO

Orientação profissional e a escolha do aluno

16

TRILHAS

Os múltiplos aprendizados das saídas pedagógicas

18

INGLÊS

O desenvolvimento da oralidade no Inglês

20

ARGUMENTO

Mulheres na política, artigo de Daniela Sweil Lo



# Como ajudar os filhos a estudar?

Por **Vanessa Inagaki**,  
coordenadora  
pedagógica do Ensino  
Fundamental I.

**1 NÃO SE PREOCUPEM EM ENSINAR.** Desde a pandemia, muitas famílias participam mais da educação escolar dos filhos, o que é ótimo, mas pode gerar ansiedade. “E se eu não souber ensinar a matéria?” Calma, esse papel ainda é da escola. Mas os pais podem ajudar os filhos a aprender.

**2 COMECEM POR UM LUGAR ADEQUADO.** É preciso que os filhos tenham em casa um espaço agradável, bem iluminado, silencioso e livre de distrações, para os estudos.

**3 CUIDEM DO SONO E DA ALIMENTAÇÃO DELES.** Garantir nutrientes e pelo menos oito horas de sono por dia faz muita diferença para o cérebro reter informações. E nada de celular ou telas na hora de dormir!

**4 PLANEJEM UMA ROTINA.** Montem juntos um cronograma semanal, com horários de estudo, refeições, trajetos, atividades extras e descanso, e coleem em lugar visível da casa, como a geladeira ou a parede do quarto.



**5 ESTIMULEM A AUTONOMIA DELES.** Nos primeiros anos, talvez seja preciso lembrá-los de estudar e fazer lições, mas com o tempo o ideal é deixá-los tomar a iniciativa. Em vez de checar a agenda todo dia, perguntem se eles já checaram e se há tarefas a fazer.

**6 NÃO FAÇAM POR ELES NEM RESOLVAM TODOS OS SEUS PROBLEMAS.** Em vez de responder a todas as dúvidas, incentivem seus filhos a buscar respostas. O que significa essa palavra? “Vamos ver no dicionário?” Não entendi essa questão. “Já tentou ler de novo em voz alta?”

**7 LEMBREM-SE DE CONTAR COM A PROFESSORA.** Se a dúvida persiste, tudo bem; deixar questão em branco não é grave. Elaborar a dúvida em forma de pergunta e levar à escola no dia seguinte já é muito bom.

**8 SUGIRAM DIFERENTES TÉCNICAS DE ESTUDO.** Grifos, releituras, resumos verbais ou gráficos (mapas mentais) e outros procedimentos podem tornar o estudo mais proveitoso.

**9 VALORIZEM O CONHECIMENTO.** Além de foco, alimentação e sono, a motivação é essencial para o aprendizado. Apresentar aos filhos livros e documentários, fazer programações culturais e perguntar sobre os estudos – não por cobrança, mas por interesse real – é a melhor ajuda que os pais podem dar.

# A descoberta da leitura

Como o primeiro contato com os livros pode ajudar a formar futuros leitores, antes mesmo que eles aprendam a ler.



De uma cesta de livros em um canto da sala de aula, a criança escolhe o seu favorito. Com visível deleite, ela o folheia, novamente absorva numa história que conhece de cor, contada repetidas vezes por sua professora na escola ou por sua mãe na hora de dormir. Sem ser capaz ainda de ler as palavras escritas nas páginas, ela, no entanto, descreve o enredo do começo ao fim com razoável fidelidade, auxiliada pela memória e pelas ilustrações.

Apesar de simples, o ato revela alguns aprendizados consolidados. A criança já demonstra saber, por exemplo, que livros contam histórias por meio de imagens e palavras – sinais gráficos que, embora ainda lhe sejam incompreensíveis, ela já sabe possuírem significado. Sabe também que livros têm estruturas próprias, que se desenrolam da primeira à última página, da esquerda para a direita

e de cima para baixo. Sabe que capas são referências, que trazem uma imagem símbolo e palavras que, de tanto se repetirem, serão associadas a sons, em um dos passos iniciais da alfabetização.

**“ALFABETIZAR NÃO É OBJETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL, QUE É MAIS FOCADA NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DO REPERTÓRIO DA CRIANÇA. MAS O QUE ACONTECE AQUI É BASE PARA ELA COMEÇAR A LER.”**

Mais que tudo, ela sabe que estar em contato com livros e engajar sua imaginação em narrativas reais ou inventadas gera prazer. Um prazer dos mais recompensadores, ao alcance de suas mãos.

Segundo a coordenadora da Educação Infantil do Vital Brazil, Camila Petrolina, esta é uma das grandes conquistas do ciclo: a descoberta do gosto pelos livros e pela leitura, mesmo antes de se aprender

a ler efetivamente. “Alfabetizar não é objetivo da Educação Infantil, que é mais focada no desenvolvimento da oralidade e do repertório da criança,

mas o que acontece aqui é base para ela começar a ler”, diz Camila.

As cestas de livros que toda sala de aula do Vitalzinho tem à disposição dos alunos são exemplo disso. Nesses “cantinhos de leitura”, eles se sentem convidados a explorar livremente os títulos que lhes despertem o interesse, em momentos agradáveis que servem também como prática de manuseio e cuidado com o objeto livro. Mas esse contato não fica limitado à escola.

“Toda semana, eles podem levar livros para casa, para ler com a família: em uma semana, são livros da biblioteca, na outra, são os da sala de aula”, diz a coordenadora, notando que os pais podem contribuir muito para que a criança desenvolva o gosto pela leitura (*v. quadro*).

Nessa rotina, o empréstimo pode até ser de livros repetidos, o que não é problema. Pelo contrário: nessa idade, a repetição é fator importante para a consolidação dos aprendizados.

“Para a criança se apropriar de uma história, ela precisa ouvi-la várias vezes”, diz a professora do Maternal Carina Portilho. Não por acaso, uma dinâmica frequente que ela faz com a turma foi batizada de “Vale a Pena Ler de Novo”: todo dia, de segunda a quinta-feira, a professora lê um livro diferente para os alunos, e então se faz uma votação para definir qual será lido novamente na sexta-feira. “Eles ficam superansiosos, combinam votos entre si, é bem interessante”, diz Carina.

Ao ouvir um adulto contar a mesma história mais de uma vez, a criança percebe novos detalhes, memoriza o enredo e até descobre certas regularidades sonoras e gráficas entre palavras – como o fato, por exemplo, de que PEIXE e PEDRO começam com os mesmos sons e letras.

Para verificar esses aprendizados, as professoras dão voz aos próprios alunos, convidando-os a recontar as histórias ouvidas ou mesmo a tentar “ler” os livros, simulando o procedimento de ir virando as páginas e narrando o que lembram ou já sabem decodificar. É a “pseudoleitura”, prática fundamental para a alfabetização e a habilidade efetiva da leitura, mais à frente. “A pseudoleitura ajuda o aluno a se apropriar dos vocábulos”, diz Maria de Lourdes Costa, professora do Pré I. “Nós os incentivamos a se arriscar, sem medo de errar”.

O tipo de livro utilizado nessa etapa facilita o desafio. Em geral, são obras ricamente ilustradas, para estimular o interesse dos alunos, com textos curtos. Além disso, ao lado de contos clássicos

## LEITURA DE PAIS PARA FILHO

### 7 DICAS PARA PROMOVER O HÁBITO E O PRAZER DA LEITURA NAS CRIANÇAS.

**Façam da contação de histórias uma rotina afetiva da casa,** em lugar gostoso, acolhedor – como a cama, na hora de dormir.

**Estimulem o interesse e a curiosidade da criança pelo livro.** Uma boa tática é deixar para terminar a história no dia seguinte.

**Aproveitem a curadoria de profissionais,** assinando clubes de leitura ou seguindo o perfil de editoras em redes sociais para conhecer títulos de qualidade, adequados ao público infantil.

**Leiam antes os livros que vão apresentar para os filhos,** tanto para evitar surpresas como para melhorar sua contação.

**Sejam referência de leitores para seus filhos.** Crianças que veem pai e mãe lendo tendem a seguir o exemplo.

**Apresentem a criança ao mundo dos livros fora de casa.** São Paulo é cheia de livrarias, bibliotecas e eventos de contação.

**Valorizem a leitura no dia a dia,** chamando a atenção para revistas, placas, panfletos, receitas, etc. É preciso mostrar como é bom ser capaz de decifrar o mundo.



(como *Os Três Porquinhos*) ou de títulos que abordam temas que as professoras queiram discutir com a turma (como *Elmer, o Elefante Xadrez*, sobre aceitação de diferenças), são frequentes os contos cumulativos, as cantigas e parlendas – gêneros que, por meio da repetição de frases e de rimas, favorecem a memorização.

A partir dessa base, outros gêneros textuais, como cartas, poemas e verbetes, vão sendo agregados ao repertório dos alunos, numa evolução que Juliana Rocha, professora do 1º ano do Fundamental, explica assim: “O Maternal desenvolve muito a oralidade das narrativas; nos Prés, os alunos já se aproximam dos textos de forma mais ‘científica’, buscando entender a estrutura de cada gênero; e o 1º ano é a hora de sistematizar esse conhecimento, quando eles aprendem a ler e a escrever”.

A variedade de gêneros ajuda, ainda, a mostrar as diversas funções sociais do texto, que não serve apenas para contar histórias, mas para nomear coisas, passar instruções ou transmitir informações sobre o mundo.

Seja por que motivo for, porém, o importante é que a leitura seja movida pela curiosidade natural dos alunos. “No Pré II, trabalhamos com o *Abecedário dos Bichos Brasileiros*, e eles adoram, porque o assunto naturalmente lhes interessa. Eu tento fazê-los se sentir como exploradores: ‘O que será que o autor escreveu sobre o boto? Vamos descobrir?’”, diz a professora Ângela Freitas, que lembra uma situação recente em sala de aula, inspirada numa ideia de dois alunos:

“Um dia, vi uma criança brincando de livraria com a colega e aproveitei: ‘Vamos brincar juntos?’”, diz Ângela. Fugindo do plano original da aula, ela juntou mais livros e confeccionou com a turma a placa com o nome da livraria, etiquetas de preço, notas de dinheiro, balcão do caixa e tudo mais. O resultado foi uma vivência divertida, prazerosa e, sobretudo, de valor real para os alunos, por surgir do encantamento espontâneo que aqueles futuros leitores sentiam ao estar entre livros.

**A VARIEDADE DE GÊNEROS AJUDA A MOSTRAR AS FUNÇÕES SOCIAIS DO TEXTO, QUE NÃO SERVE APENAS PARA CONTAR HISTÓRIAS, MAS PARA NOMEAR COISAS, PASSAR INSTRUÇÕES OU TRANSMITIR INFORMAÇÕES SOBRE O MUNDO.**

Aponte a câmera para ver os alunos João Pedro Padredi e Caio Itohara (Pré I e 1º ano, respectivamente) contando a história do livro “O Monstro das Cores”. Da pseudoleitura baseada na memória à leitura propriamente dita, o gosto pelos livros é o mesmo.



# Ensinando aos nativos

Aulas de Letramento Digital promovem uma competência essencial para todo aluno: a de viver em um mundo em que as novas tecnologias são realidade.



Faz alguns meses, alunos do 3º ano do Fundamental do Colégio Vital Brazil escreveram o que, provavelmente, foi o primeiro *e-mail* de suas vidas. Inspirados na leitura do livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari, eles escreveram cartas para o protagonista, um coelho recluso, magoado por memórias de uma infância em que ouvia gozações sobre suas orelhas desiguais. Em seguida, passaram as cartas para o computador, como mensagens de correio eletrônico. “A gente aprendeu comandos, como digitar direito as palavras”, disse um aluno, com orgulho. “Eu me senti como meu pai”.

O relato é expressivo, a começar por lembrar que já estamos na segunda geração de nativos digitais – como são chamadas as pessoas nascidas após o surgimento das tecnologias digitais de informação e comunicação. Mas também por mostrar que, nativos ou não, ninguém nasce dominando tais tecnologias, e que, portanto, ensinar alunos a utilizá-las é papel fundamental da escola, tanto quanto ensiná-los a ler, a escrever ou a lidar com situações de *bullying*, como as vividas pelo coelho da história infantil. Ainda mais quando se consideram todas as consequências que os meios e a cultura digital podem trazer para a vida de um cidadão do século XXI.

Foi com isso em mente que a equipe do Fundamental I do Vital reestruturou o planejamento pedagógico das aulas de Informática de 1ª a 5ª ano, que, a partir de 2022, passam a se chamar aulas de Letramento Digital, com conteúdos e práticas mais alinhados ao que é definido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Como explica a coordenadora Vanessa Inagaki, a BNCC traz a Cultura Digital como uma das dez competências gerais

que todo aluno deve desenvolver, descrita no documento como a capacidade de “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais”. Nesse sentido, o Letramento Digital é o processo de aquisição dessa cultura, o que, trocando em miúdos, significa saber usar computadores, *tablets* e celulares para aprendizado e produção de conhecimento; para resolução de problemas; para pesquisa, troca e disseminação de informações; para consumo e elaboração de conteúdos nas mais diversas linguagens e mídias, incluindo *games*; entre muitas outras finalidades.

Não é tarefa para uma professora só. “Construímos esse novo currículo, conduzido pela professora de Letramento Digital, Ana Paula França, com a participação de todas as professoras regentes, para que pensassem juntas o que fazer com a tecnologia digital, de forma interdisciplinar”, diz a coordenadora. Foi desse pensar coletivo que surgiram, assim, projetos como aquele do 3º ano que integrou conteúdos de Língua Portuguesa (leitura e produção de textos do gênero carta) a reflexões sobre o respeito às diferenças e o uso da ferramenta *e-mail*. Ou como diversos outros, ao longo do ciclo, nos quais os alunos vêm produzindo fotomontagens, arquivos de áudio, apresentações de *slides*, livros eletrônicos e até *podcasts* sobre o que aprendem nas várias disciplinas.

“Esse movimento foi precioso”, diz Ana Paula França. “Mostrei para as professoras os recursos que tínhamos à disposição, e elas ficaram encantadas com o que podia ser feito. A conexão com outros componentes curriculares ficou muito clara”. Com a Matemática, por exemplo, Ana Paula nota que jogar um *videogame* pode estimular a capacidade da criança de resolver problemas, ao passo que programar o próprio *videogame* é um exercício ainda mais valioso de pensamento lógico.

## Pensar, programar, viver

“Já no 1º ano do Fundamental começamos a ensinar a programação em blocos”, diz a professora de Letramento Digital, referindo-se a plataformas de progra-

mação nas quais, em vez de digitar linhas de comando, as crianças controlam as ações do personagem ordenando blocos gráficos que já trazem comandos predefinidos, como “avançar uma casa”, “girar à direita”, “aumentar de tamanho”, etc. Segundo Ana Paula, ao encadear sequências de instruções – ou seja, ao criarem algoritmos – para obter o resultado desejado, os alunos consolidam uma série de aprendizagens de complexidade crescente. Assim, se, nos primeiros anos, até os *games* de programação mais simples já promovem lições de escala, lateralidade, sequenciamento, entre outras, à medida que os alunos avançam, eles aprendem a lidar com algoritmos maiores e mais intrincados, envolvendo laços recursivos (conjunto de

**LETRAMENTO DIGITAL NÃO SE RESTRINGE AO QUE O ALUNO PODE APRENDER POR MEIO DAS NOVAS TECNOLOGIAS; É TAMBÉM FAZÊ-LO PENSAR NO QUE ELAS TRAZEM DE IMPLICAÇÕES PARA A SUA VIDA.**

comandos repetidos um determinado número de vezes) e condicionais (SE o personagem acha uma moeda, ENTÃO ganha um ponto; SE acha uma bomba, ENTÃO explode).

Pensar em Letramento Digital na escola, porém, não se restringe ao que se pode aprender por meio das novas tecnologias digitais. Igualmente importante é fazer o aluno pensar sobre elas, sobre o que trazem de implicações para a sua vida. Por isso mesmo, o currículo do Vital Brazil está estruturado em três dimensões, que serão trabalhadas ao longo do ciclo. São elas:

- **Pensamento computacional:** que envolve compreender e produzir algoritmos, bem como compreender e utilizar recursos de visualização de dados, como tabelas, gráficos, diagramas e fluxogramas.
- **Computação e programação:** que envolve a utilização competente das ferramentas digitais para os mais diversos fins, de pesquisas na internet à criação de *games*, documentos e produções autorais.
- **Cultura e mundo digital:** que envolve reflexões sobre o uso ético das tecnologias e seus impactos, quanto a relações humanas, acesso à informação, privacidade e segurança de dados, *cyberbullying*, etc.

Trata-se, portanto, de um objetivo muito mais amplo do que ensinar uma criança a utilizar tecnologias digitais. Trata-se de promover formas de pensamento e de atuação responsável e comprometida mais adequadas a um mundo no qual essas novas tecnologias já são uma realidade.



# Fábrica de conhecimentos

Na Fazedoria, alunos dispõem de ferramentas e liberdade para criar, experimentar, debater e aprender na prática.

Para explicar a diferença entre condutores e isolantes elétricos, um professor de Física pode passar uma aula inteira falando de estruturas atômicas, elétrons livres e camadas de valência. Ou pode fazer como os professores do Vital, que apresentam aos alunos do 8º ano um *kit* composto de uma placa de circuito, alguns cabos com garras jacaré e um cabo USB conectado a um computador. Com o *kit*, os alunos são informados de que podem transformar qualquer objeto em um teclado para o computador. Isto é, qualquer objeto *que tenha a propriedade de conduzir eletricidade*.

Seria o ferro um bom condutor? E uma borraça? E uma maçã? A resposta fica literalmente nas mãos dos alunos, que, claro, ainda precisam conhecer e compreender a teoria por trás do expe-

rimimento. Mas não há dúvidas de qual parte da aula fica na memória deles por mais tempo.

Abordagens práticas como essa, no entanto, funcionam melhor fora da sala de aula convencional. Idealmente, elas ocorrem em ambientes que dão ferramentas e liberdade para alunos agirem por conta própria, de preferência em grupo, e espaço para o professor circular, observando e orientando, em vez de ficar em posição de autoridade à frente de todos. Ambientes, em suma, como a Fazedoria do Vital.

Inaugurada em janeiro de 2020, a Fazedoria foi uma grande promessa adiada, dois meses depois, quando o Colégio fechou as portas devido à pandemia. Mesmo na volta do ensino presencial, em 2021, restrições sanitárias e de segurança ainda limitavam o uso do espaço e de certas ferramentas, de forma que só este ano a Fazedoria está sendo usada em todo o potencial. Uma oportunidade que professores e alunos, sobretudo nos anos finais do Ensino Fundamental, têm visto com entusiasmo.

É o caso de Daiane Marin, professora de Biologia e Física, que utiliza o espaço nas duas disciplinas. Segundo ela, seja analisando frutos, flores e sementes sob microscópios em aulas sobre o sistema reprodutivo das plantas, seja fabricando minicapultas para verificar as leis da cinemática, ali “os alunos são mais livres para serem geradores de conhecimento”.

“A Fazedoria conclui o processo pedagógico”, diz ela, referindo-se não apenas aos equipamentos, como *kits* de prototipagem eletrônica, impressoras 3D, cortadora a laser, lixadeira e furadeira, mas à concepção arquitetônica do lugar, com amplos espaços de circulação e mesas modulares com rodinhas, para acomodar grupos de vários tamanhos. “É melhor que a sala de aula para trabalhos em grupo e dá maior autonomia para os alunos se moverem, conduzirem experimentos, debaterem e chegarem a conclusões”, diz Daiane. “Isso aqui é alfabetização científica em forma de mobiliário”.



Para a professora, a sala de aula continua fundamental para a exposição de conteúdo teórico, quando é preciso ter a escuta ativa e o foco total da classe para o que está na lousa ou nos *slides* de uma apresentação. Mas é na Fazedoria que ela dá aos alunos a chance de pôr esse conteúdo à prova.

“Na lousa, tudo ‘dá certo’, mas acreditar ou não é questão de fé”, diz Marcelo Barão, professor de Física do Ensino Médio, concordando com a colega. “Mas, se eu falo, por exemplo, que atrito gera carga elétrica, e o aluno testa na prática, ele não tem como duvidar”.

Segundo o professor, o Vital sempre valorizou o ensino prático, proporcionando aos alunos um uso intensivo de laboratórios desde sua fundação. Com a Fazedoria em pleno funcionamento, porém, não só essa cultura permanece como se ampliam as possibilidades, já que, na falta de instrumentos, é possível fabricá-los, como foguetes de garrafa PET, microscópios feitos de celulares e pregadores de roupa ou maquetes de usinas eólicas que realmente geram energia. Ou ainda, cita Barão, uma mesinha circular de madeira, na qual se acoplam polias, pesos e barbantes, para que os alunos aprendam soma e decomposição de vetores de força – um mecanismo simples, engenhoso e 100% fabricado na Fazedoria. “Podemos criar muita coisa hoje a que antes não tínhamos acesso”, diz ele.

## Explosão neuronal e soft skills

“A Fazedoria quebra as barreiras da sala de aula. Ela mostra que a busca por conhecimento acontece em qualquer ambiente e de várias formas – sobretudo quando

fazemos algo concreto, construímos alguma coisa”, diz Cátia Alves, coordenadora do Fundamental II do Vital.

Isso é particularmente verdade para a faixa etária dos alunos de Cátia, até por uma razão biológica. Como explica a coordenadora, é a partir dos 12 anos que o córtex pré-frontal do adolescente se desenvolve. Trata-se da região ligada às funções mais racionais do cérebro, como pensamento crítico, planejamento, organização e controle de riscos e impulsos. O período é como uma segunda “janela de explosão neuronal”, diz Cátia, semelhante à primeira infância, e se beneficia muito de vivências e estímulos práticos.

Profissional responsável pela Fazedoria, Rafael Dias concorda: “A partir do 6º ano, os alunos lidam com maior carga de conteúdo, mas ainda precisam da ludicidade dos anos iniciais do Fundamental”.

Mas os aprendizados adquiridos na Fazedoria vão além do conteúdo das disciplinas, diz Rafael. Com experiência como professor de Química, ele é também especialista na aplicação pedagógica da cultura *maker* – o movimento que prega maior protagonismo

das pessoas na resolução de problemas do dia a dia, por meio de criarem ou aprimorem, por conta própria, ferramentas diversas. Como educador *maker* do Vital, Rafael colabora com os professores na concepção dos projetos da Fazedoria e vê efeitos claros no comportamento dos alunos: “Eles desenvolvem tanto *hard skills* [habilidades relacionadas às disciplinas] quanto *soft skills* [habilidades socioemocionais], como a autonomia, o manejo do tempo, a criatividade e o relacionamento inter e intrapessoal”.

“[A FAZEDORIA] DÁ MAIOR AUTONOMIA PARA OS ALUNOS SE MOVEREM, CONDUZIREM EXPERIMENTOS, DEBATEREM E CHEGAREM A CONCLUSÕES. ISSO AQUI É ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA EM FORMA DE MOBILIÁRIO.”



## DA PRÁTICA À TEORIA

Por meio de projetos práticos fabricados na Fazedoria, os alunos assimilam melhor conceitos como vetores de força, alavanca e condutividade elétrica.

### MESA DE DECOMPOSIÇÃO DE VETORES DE FORÇA (ENS. MÉDIO)

Os pesos amarrados nos barbantes são forças que puxam o anel de madeira acima da mesa em diferentes direções. Se o anel estiver centralizado, uma das forças é igual à soma das outras duas.



### CATAPULTA (7º ANO)

Até que distância a catapulta vai lançar a esfera de metal? Vai depender do tamanho do braço em que a esfera é depositada; quanto maior, mais longo o arremesso.



### EXPERIMENTO DE CONDUTIVIDADE (8º ANO)

Com uma placa de circuito e alguns cabos conectados à mão do aluno e a objetos condutores de eletricidade – como um pote de água, uma ferramenta de metal ou uma fatia de maçã –, pode-se controlar um jogo de computador.

## Escolhas de futuro

Para os alunos do Vital, a definição da carreira envolve um processo de pesquisa, reflexão e autoconhecimento.

Maria Eduarda Pilão sempre quis cursar Medicina. Ou, pelo menos, era o que ela *dizia querer* até entrar no Vital, quatro anos atrás. Foi onde ela passou a prestar mais atenção no que significava tal escolha, nos desafios envolvidos – “eu não tinha noção de concorrência ou nota de corte” – e, principalmente, em como ela se sentia, de fato, sobre tornar-se médica. E percebeu que a influência familiar talvez tivesse falado mais alto até ali. “Era aquela história: ‘Como eu queria que minha filha fosse médica...’”, diz a aluna da 3ª série do Ensino Médio, hoje mais propensa a fazer Jornalismo.

Leonardo Benatti, por sua vez, mudou de plano ao ponderar que sua ideia original – cursar a Academia da Polícia Militar – levaria a um caminho profissional menos flexível do que ele gostaria. “André [Rebello, coordenador do Ensino Médio] me fez ver que ali eu teria a carreira toda definida, e aquilo me incomodou”, diz o aluno. “Em Ciências Biológicas, posso ensinar, fazer pesquisa, escolher entre várias áreas, como botânica ou zoologia, e o mercado de biotecnologia vem se desenvolvendo”.

Já Mariana Minakawa não fugiu muito da área para a qual se sentia inclinada, as Ciências Humanas, mas admite que não teria pensado em prestar Gestão de Políticas Públicas, no fim do ano, se o Vital não a tivesse ajudado a abrir o leque de op-

ções: “É um curso que eu nem teria noção de procurar”.

Os casos acima ilustram bem o tipo de orientação que o Vital Brazil oferece aos alunos do Ensino Médio para que definam suas escolhas profissionais, com base tanto nas possibilidades objetivas e na realidade do mercado como na própria personalidade de cada um. É um trabalho de pesquisa, reflexão e autoconhecimento que começa já no início do ciclo e envolve uma série de atividades, dinâmicas e conversas, em grupo ou individualizadas, dos alunos com o coordenador.

“Meu papel não é dizer o que eles devem fazer, isso tem de ser um processo de autodescoberta”, diz André, que orienta os alunos apresentando opções e ajudando-os a visualizar cenários, para que tomem decisões mais fundamentadas. Segundo ele, a ideia é basicamente pensar no futuro com serenidade, considerar todas as implicações das escolhas possíveis – salário, tipo de carreira, círculo social, etc. – e então traçar um plano para os objetivos definidos.

### Dinâmicas de identificação

O primeiro passo, diz André, é consolidar nos alunos o que ele chama de “perfil de estudante”: a consciência de que estudar não é uma obrigação imposta pela escola ou família, mas um meio de realizar os próprios

Informática de Software

Medicina Veterinária

Arqueologia

MÉDIO

Publicidade Propaganda

ia

Engenharia

Psicologia

Arquitetura e Urbanismo

Biotecnologia

sonhos – incluindo, mais adiante, os sonhos acadêmicos e profissionais.

Assim, na 1ª série do Médio, o maior foco ainda é fortalecer a autonomia, a organização e o planejamento de estudos. Mas já aqui começam a acontecer conversas e eventos específicos (como o Fórum de Profissões, sempre no primeiro semestre) sobre escolhas de carreira e universidades. “Nesse momento, queremos que o aluno comece a pensar no assunto e vá percebendo se sente identificação com alguma área, mesmo que de forma ainda não sistematizada”, diz o coordenador.

É na 2ª série que a orientação mais efetiva se dá, por meio de dinâmicas de grupo que ajudam a clarear as ideias, as inclinações e os critérios pessoais de cada um. Nessa fase, um dos instrumentos mais úteis de que André dispõe é um enorme punhado de fichas laminadas coloridas, cada uma com o nome de uma profissão, das mais tradicionais às menos conhecidas – como Gestão de Políticas Públicas, por exemplo, oferecida como graduação pela primeira vez em 2005, na USP. “Tenho aqui todas as opções de curso superior que existem hoje no Brasil”, garante.

Munido das fichas, um recurso visual concreto com o qual trabalhar com os alunos, André os provoca a considerar suas opções fazendo todo tipo de pergunta, inclusive a respeito do que eles imaginam ser a personalidade e a vida social dos profissionais de cada área. Podem ser perguntas como: *Você vai convidar três pessoas para uma festa, quem você chama? Ou: Quem vocês acham que é o mais extrovertido e sociável? Quem vive viajando? Quem estará financeiramente mais seguro?*

Segundo o coordenador, essa e outras dinâmicas – como dramatizações, elaboração de linhas do tempo com projeções de realizações futuras, ou de árvores genealógicas com as profissões de pai, mãe, irmãos, tios e avós – fazem com que “os alunos experienciem situações e sentimentos que contribuem para seu processo de identificação”. Ou, no mínimo, de não identificação, como foi o caso de Maria Eduarda Pilão com a Medicina: “Ainda

tenho insegurança para falar ‘é isso que eu quero’, mas já foi um *start* perceber que não era aquilo”, disse a jovem, em junho.

Ex-aluna do Vital, hoje no quarto semestre de Ciências Biomédicas da USP, Leticia Gouvêa se lembra da sua experiência com as fichas coloridas do coordenador. “A gente começa a eliminar algumas – ‘nunca faria’, ‘acho mais ou menos’ – e aí começa a olhar para outras que não olharia: Farmácia, Nanotecnologia, Engenharia de Materiais... Tem muito mais na área de Biológicas do que eu imaginava”, relata Leticia, que a partir daí tratou de conhecer a grade curricular dos possíveis cursos, além de consultar pessoas que já os tinham escolhido, para confirmar – ou mudar – os planos. “É isso se repete este ano: já conversei com duas meninas para quem André passou meu contato. É um ciclo”.

É a fase da pesquisa que o coordenador espera que os alunos façam, com diligência, antes de tomar qualquer decisão. “Sugiro que eles saiam das dinâmicas com três opções, levem para casa e pesquisem tudo: melhores faculdades, formas de ingresso, currículo, salário, empregabilidade... Depois, que descartem uma e guardem outra como plano B. A que sobrar é aquela para a qual eles vão se preparar”, diz André, explicando que a etapa seguinte é a última do processo de orientação: a definição de uma estratégia de estudos para o curso escolhido, com base nas matérias de maior peso, nas notas do aluno, nas suas forças e fraquezas.

“É isso que fazemos no último ano do Médio, quando, da turma, só restam de 10% a 15% de alunos ainda não decididos. Para esses, eu mantenho atendimentos individuais até chegarmos a uma resposta”, diz o coordenador, que costuma acalmar os indecisos lembrando-os de que essa escolha não é irreversível ou para a vida toda, apenas para os próximos quatro ou cinco anos de formação. Mas que, se tomada com discernimento e tranquilidade, pode levá-los longe, ao futuro no qual mais se sentirão realizados.

## ALUNOS DA 3ª SÉRIE FALAM SOBRE AUTODESCOBERTA E A ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO



### Pedro Henrique Ferreira

considerava Psicologia até ouvir a pergunta decisiva: “Vai gostar de lidar diretamente com pessoas?” Desistiu da ideia e está entre Direito e Economia, tendo analisado as duas grades curriculares. “Eu me identifico com as Ciências Humanas”.



### Mariana Miura

diz que já mudou muito de ideia – “gosto de todas as matérias, é o meu maior dilema” –, mas está considerando tentar um curso que misture Exatas e Biológicas, como a Engenharia Ambiental.



### Leonardo Benatti

desistiu de tentar a Academia de Polícia Militar ao perceber que já teria sua carreira toda definida. “Aquilo me incomodou um pouco, ser um caminho mais estreito”.



### Mariana Minakawa

descobriu na orientação profissional do Vital um curso que “nem teria noção de procurar”: Gestão de Políticas Públicas. “Acho que se encaixa no que eu quero fazer no futuro: trabalho prático de ajudar as pessoas”.



**Maria Eduarda Pilão** percebeu que a Medicina não era a melhor escolha para si. “Queremos salvar vidas, mas toda profissão salva vidas. Médico, engenheiro, jornalista... Se encontramos o propósito certo, nos tornamos bons profissionais”.

Relações Internacionais

Marketing

Engenharia Mecânica

Cinema e Audiovisual

Medicina

Veterinária



# O que se aprende fora da escola

Mais que simples passeios escolares, as saídas pedagógicas promovem aprendizados que vão além do currículo.

Numa quarta-feira de maio, um ônibus levando alunos do 6º ano do Vital Brazil viajou cerca de 100 km em direção ao passado. Mais precisamente, 280 milhões de anos no passado, quando um manto de gelo cobria o sudeste da América do Sul, como indicam as evidências encontradas no Parque do Varvito, em Itu. É lá que fica o maior varvito do continente, um tipo de rocha formado por sucessivas camadas de sedimentos depositados, ano após ano, ao longo de eras.

Na mesma excursão, os alunos ainda conheceram outro sítio do mesmo período geológico, o Parque da Rocha Moutonnée, na cidade vizinha de Salto, e o Parque das Monções, em Porto Feliz, onde estão preservados vestígios de eventos bem mais recentes – praticamente atuais – na escala de tempo do planeta: as expedições bandeirantes dos séculos XVIII e XIX.

Foi, portanto, uma viagem de muitos aprendizados – históricos, geográficos, biológicos –, como são, aliás, todas as saídas pedagógicas realizadas pelo Vital desde o início do Ensino Fundamental. Para além do que possa estar relacionado às disciplinas escolares, porém, tais saídas promovem outros aprendizados de igual importância para os alunos, derivados da própria experiência de viajar sem a família, com colegas e professores, respeitando as regras do grupo e dos lugares visitados. Trata-se de oportunidades para estreitarem laços e desenvolverem sua autonomia; para encontrarem pessoas e culturas diversas; para expandirem seus horizontes; e para valorizarem o conhecimento como a ferramenta que lhes permite interagir e contribuir

para o mundo de maneira responsável, crítica e cidadã. Para os alunos do Vital, as saídas pedagógicas estão longe de ser simples passeios.

## Da sala de aula para o mundo real

Tome-se, como exemplo, a visita dos alunos do 1º ano do Fundamental ao Zoológico Itatiba, no último 17 de agosto. Sob mais de um aspecto, foi um dia de primeiras experiências. Foi a primeira vez que a maioria da turma viu de perto girafas, elefantes e dezenas de outras espécies animais abrigadas nos mais de 500 mil m² do lugar. Mas também, provavelmente, a primeira vez que muitos fizeram uma viagem sem mãe, pai ou parentes – algo marcante para crianças de 5 e 6 anos de idade.

“Viajar sem os pais, decidir quem vai sentar do lado de quem no ônibus, andar em grupo, com um crachá, ouvindo o que o monitor responsável está falando, almoçar com os colegas no restaurante, é tudo novidade para eles”, diz Camila Petrolina, coordenadora da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental, ressaltando o papel socioemocional da experiência.

E a escolha do destino não é menos importante. “Conciliamos os interesses dos alunos com o que eles estão estudando”, diz a professora Juliana Rocha, que os acompanhou na viagem. Segundo ela, os guias da excursão foram informados previamente de que a turma vinha aprendendo a diferença entre animais domésticos e selvagens, em sala de aula, para dar atenção especial a certas espécies durante a visita ao zoológico. “Já teve outras vezes que o foco foram as aves, com

seus vários tipos de bico, para diferentes finalidades”, lembra Juliana.

Para Camila, o principal objetivo é mostrar aos alunos, desde cedo, que o que eles aprendem na escola tem relação com o mundo real, por meio de observações presenciais – uma descrição que vale para as demais saídas pedagógicas promovidas pelo Colégio.

Assim, alunos do 2º ano, que também estudam sobre animais silvestres e meio ambiente, têm a chance de visitar a Toca da Raposa, um criadouro conservacionista numa reserva de Mata Atlântica, em Juquitiba. Alunos do 3º ano complementam os estudos sobre os povos originários do Brasil com uma visita ao Sítio do Sol, em Cabreúva, onde educadores indígenas lhes apresentam sua arquitetura, artesanato, culinária e costumes. E os do 4º ano conhecem a Fazenda Nossa Senhora da Conceição, em Jundiá, patrimônio de período relevante da história nacional: o Ciclo do Café.

“A intenção é proporcionar experiências de aprendizagem o mais reais possível, que tenham relação com os conteúdos e competências trabalhados nas aulas”, diz Vanessa Inagaki, coordenadora do Fundamental I. Segundo ela, embora os alunos não precisem levar cadernos nem sejam avaliados, formalmente, sobre o que veem nesses “estudos de campo” (a participação, afinal, é voluntária), as professoras incorporam as saídas pedagógicas ao planejamento de aulas, compartilhando os relatos e registros de viagem com toda a turma para consolidar o conhecimento adquirido.

Para quem participa, porém, há as aprendizagens além do currículo. “As saídas trazem a questão de como se portar fora da escola, da responsabilidade de cada um quanto a combinados e à preservação dos ambientes, da ampliação do repertório cultural e do respeito à diversidade”, diz Vanessa.

Em especial no 5º ano, diz a coordenadora, há o desafio do pernoite no Sítio do Carroção, em Tatuí, um *resort* cheio de atrações como trilhas ecológicas e atividades lúdicas. “É uma saída menos ligada ao conteúdo escolar, porque o foco é a socialização da turma

na despedida do Fundamental I. E aí dormir fora de casa ainda é um evento importante para eles. As professoras organizam festa do pijama, dão beijo de ‘boa noite’, para eles se sentirem acolhidos”.

## Impacto visível

Já no Fundamental II, segundo a coordenadora Cátia Alves, as saídas do 6º ano (para Itu, Salto e Porto Feliz) e do 7º (para Santos) ainda são muito sentidas pelos alunos pela carga emocional de viajarem sem os pais, mas as turmas de 8º e 9º anos já se mostram mais seguras e maduras. Mas isso não torna a experiência menos empolgante, como relata o professor de História Douglas Favorin, que acompanhou o 8º ano, em maio, na viagem a Paranapiacaba, distrito histórico de Santo André com casas, fábricas e estação ferroviária do século XIX.

“Na idade deles, soa muito abstrato falar de outros períodos históricos. Antigo, para eles, é 2015. Mas, ao verem casas e construções preservadas, o maquinário imenso das primeiras locomotivas, chaves inglesas de mais de um metro, eles têm o impacto visível de como se vivia em outro tempo”, diz Douglas, que à época da excursão falava à turma sobre a Revolução Industrial.

Segundo André Rebelo, coordenador do Ensino Médio, os relatos dos próprios alunos confirmam esse impacto de que fala o professor. Em seu ciclo, a única saída pedagógica promovida pelo Vital é na 2ª série, para o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar), em Iporanga, onde os visitantes têm contato não apenas com um patrimônio ambiental e geológico riquíssimo de cavernas e cachoeiras mas também com quilombolas da região, que lhes apresentam uma forma de organização social completamente diversa da que eles estão habituados. “Eles contam que só quem foi sabe como é a troca de conhecimentos vivida lá”, diz o coordenador. “Voltam dando ainda mais importância ao conhecimento, sentindo que tudo que aprendem na vida não vale só para provas ou vestibular, mas para compreender o mundo do qual fazem parte”.

1º ANO



Visita ao **Zoológico Itatiba**: a poucos metros de animais selvagens.

2º ANO



Na **Toca da Raposa**, lições de conservação da Mata Atlântica.

3º ANO



No **Sítio do Sol**, contato direto com a cultura indígena.

4º ANO



Um pedaço da história do Brasil numa **fazenda de café do século XIX**.

5º ANO



Réplica de fóssil de dinossauro no **Sítio do Carroção**, na despedida do Fund. I.

6º ANO



No **Parque do Varvito**, em frente a um paredão de 280 milhões de anos.

MÉDIO



Alunos da 2ª série do Médio exploram as cavernas do **Petar**.

# Língua solta

Como o programa de Inglês do Vital faz os alunos avançarem na habilidade de falar o idioma ao longo dos anos.

“Quando meu filho vai começar a falar Inglês? Lá em casa, ele ainda não está falando”. É uma dúvida que Máira Malosso já ouviu algumas vezes, como coordenadora do Departamento de Inglês do Vital Brazil, à qual ela sempre responde buscando tranquilizar os pais mais ansiosos, lembrando-os de que usar uma língua, afinal, é também uma questão de contexto. “Por que a criançaalaria em Inglês com os pais brasileiros em casa?”, nota Máira. “Aí, quando a família viaja, ficam encantados ao ver o filho se comunicando com outras pessoas. Já ouvi muitos relatos assim”.

Mas há mais um motivo para os pais de alunos do Vital confiarem que, no devido tempo, seus filhos mostrarão um avanço na habilidade de falar em Inglês, o que, em última instância, lhes permitirá até apresentarem TED Talks com desenvoltura e fluência no idioma estrangeiro. Segundo Máira, embora as professoras usem a língua inglesa desde o primeiro momento – e quem acompanha uma aula do Pré I já vê a classe inteira se divertindo com suas primeiras canções e palavras em Inglês –, até o 5º ano do Fundamental o Vital propicia uma maior exposição dos alunos ao novo idioma e espera que os alunos produzam oralmente de forma mais direcionada. Ou seja: nos anos iniciais, importa mais que eles ouçam, leiam (e até escrevam) do que falem fluentemente a língua inglesa.

“A oralidade não deixa de ser avaliada”, diz a coordenadora. “A partir do 2º ano, temos provas orais uma vez por trimestre. Mas são provas simples, que compõem a nota da avaliação contínua junto com outras coisas, como participação na aula, entrega de lições e projetos específicos”. Por “provas simples”, ela se refere a interações direcionadas, de perguntas e respostas básicas, que ajudam o aluno a fixar vocábulos e estruturas sintáticas. Por exemplo: *Do you like candies? Yes, I do! / No, I don't.* (“Você gosta de balas? Sim, gosto! / Não, não gosto.”)

Então, no 6º ano, a coisa muda de figura. E não apenas porque, no Vital, as turmas passam a se orga-

nizar por estágios de acordo com o nível do idioma, o que promove uma aceleração no aprendizado de todos. Mas também porque, segundo Máira, nessa fase da vida, os alunos já têm “maior autonomia de produção” – inclusive para se expressar na nova língua. “É quando aumenta a frequência das provas, e passamos a avaliar igualmente as quatro habilidades: leitura, escrita, compreensão auditiva e oralidade”, diz Máira.

A complexidade dos testes orais, por óbvio, aumenta. Se antes predominavam questões fechadas que podiam ser respondidas com “sim”, “não” ou em poucas palavras, a partir do 6º ano, já nos estágios básicos do Inglês (TB1 a TB4), surgem questões mais abertas, como *Where did you go in your vacation?* ou *What did you do yesterday?* (“Aonde você foi nas férias? O que fez ontem?”).

“No início ainda são *role plays* [dramatizações] mais dirigidas, em duplas ou trios, para trabalhar conteúdos gramaticais como, por exemplo, o *simple past* [pretérito perfeito]. Mas eles são incentivados a não repetir termos, a mudar um pouco o que está no livro ou no vídeo”, diz a professora Cassia Panizza. “Também ensinamos estratégias de fluência para deixar as conversas mais reais, expressões como *Interesting! Oh, okay. And you?*” (“Interessante! Oh, ok. E você?”)

Não importa, aliás, que a “naturalidade” das conversas seja ensaiada; pelo contrário. “Quando tem atividade oral com dia marcado, eles se dispõem a trazer figurino... É uma *performance*”, diz a professora Paula Marreiros, que até incentiva os alunos a ensaiarem fora dos horários de aula. Trata-se, afinal, de um exercício – de vocabulário, de pronúncia, de familiaridade mesmo com a estrutura, o ritmo e a musicalidade do idioma. E, como em todo exercício, quanto mais prática, melhor.

## Podcasts e Ted Talks

À medida que avançam para estágios mais altos da língua, tais exercícios vão ficando ainda menos an-

corados em estruturas sintáticas prontas, e os alunos contribuem cada vez mais com seus próprios repertórios. Podem até escolher sobre qual assunto falar, em projetos especiais como *podcasts* ou palestras no modelo Ted Talks. “A gente ainda dá requisitos para eles encaixarem nas conversas e apresentações: delimitamos tempo, pedimos que usem certos *phrasal verbs* [expressões verbais] ou adjetivos para descreverem experiências, por exemplo”, diz a professora Patricia Diniz. “Mas a liberdade é maior”.

“É importante manter exigências do que eles devem usar nos exercícios, até porque eles podem já ter fluência em certos aspectos da língua e não se arriscar em outros”, explica a coordenadora, Máira Malosso. Mas a equipe nota que, em geral, quanto mais velhos, mais a chance de expressar algo pessoal – seus gostos, interesses e experiências – estimula os alunos a falar. Mesmo os tímidos.

“O fato de serem turmas reduzidas ajuda muito, porque conseguimos engajar todos”, diz a coordenadora assistente Carolina Honda, lembrando que até o 5º ano as turmas são divididas ao meio para as aulas de Inglês e, a partir do 6º ano, as classes têm, no máximo, 15 alunos. “Eles criam laços e se sentem à vontade uns com os outros. Além disso, como praticamos o *speaking* desde o Pré, eles sabem que, na aula de Inglês, fala-se Inglês. Já é algo natural, integrado à aula”.

É a questão do contexto, de que fala Máira para os pais que sentem falta de ouvir o Inglês dos filhos em casa. Quando a ocasião para se comunicar no idioma se apresenta, garante a coordenadora, os alunos do Vital já demonstram saber bem o que dizer.

mama told me...  
I can explain  
let's do it  
when is your birthday?  
it's true  
I went to the party  
easy  
and fun  
do they talk a lot?  
popcorn and icecream



## ARGUMENTO

Os textos desta seção são de responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Colégio Vital Brazil.



# Política: substantivo feminino?

Por **Daniela Swei Lo**, 3ª série do Ensino Médio.

Quantos anos demorou para as cidadãs participarem da política no Brasil e o que isso implica? Vamos recapitular: o Brasil foi descoberto em 1500. A sua primeira forma de administração, o Governo Geral, foi dada em 1548, sendo os governadores homens portugueses, apontados para o cargo pelo rei português. Na primeira constituição – outorgada por D. Pedro I em 1824 –, o voto era restrito a homens livres, acima de 25 anos. Somente 108 anos depois, em 1932, o voto feminino passou a ser permitido no País.

Ou seja, durante 384 anos, o Brasil foi palco para a atuação masculina, que deixou marcas na história e na forma de pensar – sendo algumas delas a baixa participação das mulheres na política e o machismo permeado estruturalmente.

Você, leitora, lembra-se de dez candidatas nas últimas eleições municipais de 2016? Se não se lembra, é compreensível – afinal, segundo dados compilados pelo *site* Politize!, 18.244 candidatas não ganharam um voto sequer, o que representou 12,5% de todas as mulheres inscritas para disputar a eleição. Naquele mesmo ano, apenas 2,6% dos candidatos homens não tiveram votos, quase um quinto do patamar verificado entre as mulheres. Assim, é evidente que diversos partidos políticos praticam fraude inscrevendo mulheres apenas para atender à exigência legal de ter 30% de vagas destinadas para o sexo feminino. Além disso, elas recebem menos recursos dos seus partidos, o que dificulta ainda mais o sucesso da sua candidatura.

Essa desproporcionalidade da presença feminina na política não só simbolicamente salienta o

machismo como implica a negligência de leis e direitos a favor da mulher – que, inegavelmente, precisa ser protegida, após todos os anos de opressão e exclusão. O extenso histórico brasileiro é repleto de preconceitos contra as mulheres em questões que envolvam segurança, assédio, aborto, maternidade e carreira, por exemplo.

Contudo, vale salientar que a maior presença de mulheres na política nem sempre condiz com a ampliação de seus espaços e direitos. Como nota a pesquisadora norte-americana Merike Blofield, não necessariamente esse avanço ocorre, haja vista o que ocorre no Uruguai, onde, apesar da sub-representação feminina, há maior progresso, enquanto nos Estados Unidos a grande ocupação de mulheres em cargos públicos contradiz o conservadorismo.

Ainda assim, apenas mulheres representantes sabem os problemas cotidianos que suas cidadãs sofrem, tais como comentários abusivos, desigualdade de salários e direitos, tratamentos inapropriados e, enfim, outras diversas formas de violência. Por isso, é de suma importância o voto em candidatas que apoiem essa causa, que sintam na pele como é ser obrigadas a lidar com situações inadmissíveis devido à ausência de políticas públicas que as defendam. E então, caras e caros leitores, qual é o Brasil que vocês escolhem?

**“A DESPROPORCIONALIDADE DA PRESENÇA FEMININA NA POLÍTICA NÃO SÓ SALIENTA O MACHISMO COMO IMPLICA A NEGLIGÊNCIA DE LEIS E DIREITOS A FAVOR DA MULHER.”**

